

Ailton de Freitas



SENADORES APLAUDEM Ramez Tebet (com os punhos cerrados), que vibra com a eleição para a presidência do Senado. No discurso de posse, ele disse que os votos em branco são uma mensagem de paz

# Nem a vitória pacífica

Ramez Tebet é eleito, mas enfrenta hostilidades do PFL e 31 votos em branco

Catia Seabra e Alexandre Jardim (\*)

BRASÍLIA

**A** magra vitória do candidato único à presidência do Senado, Ramez Tebet (PMDB-MS), mostrou ontem que a crise no Senado não se encerrou com a renúncia de Jader Barbalho (PMDB-PA) ao cargo. O placar — 41 votos a favor, 31 em branco e três nulos, um deles com a inscrição "Fora FHC" — expôs a fissura da base aliada e o clima de beligerância do Senado.

Tebet, que ocupava o Ministério da Integração Nacional, elegeu-se graças à intervenção do Palácio do Planalto. Com o apoio até de peemedebistas, o PFL e a oposição votaram em branco, dispostos a forçar uma nova eleição. Anunciado o resultado, a oposição ficou para ouvir o discurso de Tebet. Mais radical, porém, a bancada do PFL, praticamente inteira, deixou o plenário, o que foi interpretado como uma declaração de guerra ao PMDB.

A reação de pefelistas — entre eles, o presidente do partido, Jorge Bornhausen (SC), e o líder, Hugo Napoleão (PI) — acirrou o ânimo dos peemedebistas, que contra-atacaram:

— Temos que parar com essa mediocridade! Fiquei muito triste de ver o PFL se juntar à oposição pelo branco da paz — disse, em tom irônico, o líder do PMDB, Renan Calheiros.

## PFL não segue orientação de FH

• Armado desde a véspera — quando tentou viabilizar a eleição de José Agripino Maia (PFL-RN) — o PFL chegou a descumprir determinação expressa do presidente Fernando Henrique Cardoso ao votar, maciçamente, em branco. De tarde, numa reunião com a bancada, Bornhausen foi o porta-voz da orientação dada por Fernando Henrique, minutos antes. Na conversa, o presidente pediu que o partido votasse para eleger Tebet. Mas, atendendo à reivindicação dos carlistas, a maioria do PFL optou mesmo pelo voto em branco. Somadas, as bancadas do bloco de oposição e do PFL chegaram a 37 senadores. Os votos nulos e em branco totalizaram 34.

Como pelo menos três integrantes da oposição — Ademir Andrade (PSB-PA), Antonio Carlos Valadares (PSB-SE) e Roberto Freire (PPS-PE) — votaram abertamente em Tebet, além de pefelistas como Francelino Pereira (MG), a conclusão do PMDB é de que boa parte do PFL se opôs à eleição de Tebet:

— Não recebo esses votos com outro sentido se não como uma mensagem de paz. Porque é isso que o branco significa! — apelou Te-



COM JADER, a conversa entre velhos aliados no PMDB

Roberto Stuckert Filho



SARNEY CUMPRIMENTA o vitorioso Tebet no plenário

Ailton de Freitas

bet, em seu discurso de posse, pouco depois de se benzer.

A tirada lhe rendeu aplausos dos senadores que permaneceram no plenário. A cizânia contaminou o próprio PMDB. A cúpula do partido, que estimava em 45 os votos destinados a Tebet, não tem dúvidas de que peemedebistas votaram contra sua eleição e nem sequer é capaz de assegurar que José Sarney (AP) tenha apoiado Tebet, como prometera. Sarney também não assistiu ao discurso do novo presidente do Senado.

— Tenho 70 anos. Com a boa vontade de Deus, tenho mais dez pela frente. Não vou querer passar 20% do tempo que me resta sentado à mesa, ouvindo os discursos que ouço há 40 anos — disse Sarney antes de votar.

Ele, José Fogaça (PMDB-RS), Gerson Camata (PMDB-ES), Paulo Hartung (PPS-ES) e José Eduardo Dutra (PT-SE) foram estimulados pelo PFL ontem para que entrassem na disputa. Mas ninguém aceitou:

— A crise continua estacionada no Senado — disse Hartung.

Mas não é só a base que sofre. A oposição também não está imune. O próprio Hartung protagonizou um duelo com Roberto Freire em plenário. Indignado com os ataques de Freire — que, sem participar de uma reunião, criticou a omissão da oposição — Hartung declarou seu voto em branco no plenário. Depois, foi alvejado pelos peemedebistas, que o acusam de ter descumprido acordo em favor de Tebet. Hartung nega.

Ontem, assustado com a repercussão de seu protesto, o PFL desa-

pareceu. E até Antonio Carlos Magalhães Júnior (PFL-BA) amenizou o tom. Segundo Júnior, os três baianos já estavam decididos a deixar o plenário. Mas não contavam com a adesão de outros 13 senadores do partido. Bornhausen e o líder Hugo Napoleão lideraram a debandada.

— Nossa oposição é a Tebet. Não ao presidente do Senado — disse Júnior, prometendo apoio institucional. Só não se sabe até quando. ■

(\*) Do GloboNews.Com